

ENGLISH FOR ALL, UMA LIÇÃO DE CIDADANIA

Empresa: *ICBEU – Patrocínio/MG
Autoria: Margareth Aparecida Cândido

Introdução

“De meu, eu só tinha sonho.”()*

Filho de um empresário e de uma professora, José Batista de Souza Neto é o mais novo de uma família de três irmãos. Ele começou, desde muito cedo, a trabalhar com seu pai, almejando ter, no futuro, o seu próprio negócio.

O talento empreendedor herdado do pai, comerciante do setor alimentício, ainda não lhe dava a segurança necessária para alçar o vôo solo, uma vez que as incertezas não lhe permitiam decidir entre uma atividade e outra. O seu tempo era dividido entre o trabalho na empresa da família e a Faculdade de Letras. O gosto pela leitura e o prazer de ensinar vieram da mãe, professora primária, pedagoga que, anos mais tarde, concluiria também o Mestrado em Educação.

Em 1992, ainda na Faculdade de Letras e no comércio da família, José Neto continuava a pesquisar diversas oportunidades de negócio: *“Quando resolvi abrir meu negócio, pensei em franquias de grifes de roupas, calçados, lojas de eletrônicos, mas as limitações financeiras eram muitas. Todas essas atividades dependiam de um grande capital inicial, do qual eu não dispunha.”* Ele buscava algo que pudesse ser desenvolvido com os recursos que economizara.

*“Queríamos
fazer algo
diferente,
porque
fazer igual
ou da maneira
mais fácil,
qualquer
um faz.”*

José Neto

* Na época da premiação, a empresa chamava-se ICBEU Idiomas.
(*) Citações de Rubem Alves

Vivia o dilema entre continuar trabalhando na empresa da família ou montar o seu próprio negócio. A chegada de sua namorada dos Estados Unidos fortaleceu ainda mais o seu desejo e, juntos, decidiram criar um pequeno empreendimento, na própria cidade. Será que daria certo?

“O sonhador e o sonho”⁴³

Patrocínio fica no Alto Paranaíba, a 405 km da capital Belo Horizonte; tem, aproximadamente, 61 mil habitantes. Nasceu quando, em 1772, nas redondezas da Fazenda Brumado dos Pavões, um assentamento de pequenas casas fez surgir um povoado que, mais tarde, virou cidade, sempre em crescimento...

No final de 1991, Valeska Virginia, a namorada de José Neto, retornou a Patrocínio. Durante quatro meses, havia permanecido nos Estados Unidos, aperfeiçoando sua habilidade de falar inglês, uma vez que já atuava como professora desde 1989. De imediato, ela retornou ao trabalho em uma escola de idiomas da cidade.

Juntos, decidiram pesquisar a viabilidade do novo negócio: o ensino da língua inglesa. Ele desejava ser dono do próprio negócio; ela queria aplicar suas idéias na prática, “*o que não era possível na escola onde trabalhava*”, conta Valeska, pois se tratava de uma franquia.

Aprofundaram-se na pesquisa da oportunidade, visitando algumas escolas da região. Valeska, que nos Estados Unidos conhecera o método desenvolvido por sua irmã Walkíria de Fátima Soares, para o ensino do inglês aos brasileiros que para lá se deslocavam, negociou com ela a utilização do mesmo. A metodologia foi registrada na Biblioteca Nacional, para garantir-lhes os direitos autorais. Eles se concentraram cada vez mais no propósito de conhecer a dinâmica do negócio: facilitar o aprendizado das pessoas que precisavam aprender inglês rapidamente, para fins profissionais ou de estudo.

Valeska decidiu deixar a escola onde trabalhava para se associar ao namorado e investir no sonho que, a cada dia, adquiria contorno de realidade. A partir de um projeto piloto, com uma licença de autônomos, em 1º de julho de 1992, iniciam o ensino do idioma, em Patrocínio, numa pequena casa alugada na

⁴³Rubem Alves

rua Cesário Alvim, no centro da cidade, com quarenta alunos e o equivalente a US\$ 2,000.00. O negócio foi um sucesso em função da metodologia aplicada, que facilitava o aprendizado.

Um dos primeiros alunos do curso intensivo do BAC – *Brazilian American Connection*, o cirurgião dentista Jairo José dos Anjos, relembra: “Estudei na escola por dois anos, logo no início da empresa, cursando inglês que, no meu caso, foi bastante útil, ao realizar minha primeira viagem ao exterior.”

Devido ao sucesso dessa experiência, José Neto e Valeska, apenas seis meses depois, mudaram-se para uma casa maior, na Rua Governador Valadares, também no centro. Isso ocorreu porque, em primeiro lugar, resolveram formalizar a empresa; em segundo, porque havia outras idéias a serem aplicadas no negócio...

“(...) todo sonho quer se realizar”^(*)

Do sonho compartilhado nasceu, em fevereiro de 1993, o BAC – *Brazilian American Connection*, cuja marca foi registrada no INPI para assegurar sua propriedade. Posteriormente, para viabilizar a ampliação do negócio, Divina Conceição Ribeiro foi convidada a fazer parte da empresa, integralizando 25% das cotas.

Os sócios faziam de tudo, dividiam-se nas múltiplas tarefas de atender, ensinar, organizar... “Valeska era a professora, a coordenadora, a diretora acadêmica, e eu era o secretário, atendente, diretor administrativo”, conta José Neto. Eram ajudados pela sócia Divina, que também era professora.

No início, o material didático era xerocopiado e distribuído aos alunos que se preparavam para os vestibulares, cursos de mestrado ou atividades relacionadas ao trabalho, ou seja, a clientela era exclusivamente de adolescentes e adultos, na faixa de dezesseis a trinta anos. Em janeiro de 1993, a escola passou a adotar material didático das editoras, abriu turmas piloto para crianças de 1ª a 4ª série, e saltou de quarenta para noventa alunos, crescendo de forma que “assustava a gente, mas de maneira muito positiva. Queríamos fazer algo diferente, porque fazer igual ou da maneira mais fácil, qualquer um faz”, diz José Neto. Nessa data, outra professora se uniu a eles: Leanna Evanese Rosa.

Ela fala com saudades do seu tempo no BAC-ICBEU: *“Foram dezoito meses gratificantes, que muito significaram para mim. Além de ser meu primeiro trabalho, a escola representava uma família, onde todos se ajudavam e a Valeska, diretora na época, era muito dedicada, como o é até hoje.”*

Em dezembro de 1995, depois de muito haver contribuído para o desenvolvimento da escola, a sócia Divina Conceição se desligou da sociedade, vendendo sua participação. A escola voltou a ter sua composição original.

Outra irmã de Valeska, Helen Márcia, professora formada em magistério de primeiro grau, com experiência no ensino de crianças, juntou-se à equipe do BAC-ICBEU.

Antes disso, Helen Márcia já trabalhava em outra escola de Patrocínio ensinando inglês para adolescentes. Com a abertura da escola de José Neto e Valeska, foi convidada a integrar a promissora equipe. Assumiu as aulas para adolescentes e adultos e mostrou sua competência não somente como professora, mas também em outras funções, ocupando cargos de coordenação, gerência e, posteriormente, a direção acadêmica da escola.

No período de 1996, a cidade contava com mais outras seis escolas de idiomas, mas o BAC-ICBEU adotava uma postura diferente das demais. Seu diferencial era oferecer, além do inglês, o espanhol e o francês.

“(...) as minhas idéias eram diferentes”^(*)

Nesse período, durante o governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, o Brasil e a cidade de Patrocínio experimentavam a estabilidade econômica. Com o dólar a R\$ 0,89, a escola pôde organizar a primeira viagem aos Estados Unidos.

As viagens organizadas pela escola duravam, em média, 25 dias, e tinham um roteiro especialmente elaborado, com passeios culturais às cidades escolhidas, às escolas de idiomas e às de ensino regular. Os integrantes do grupo podiam fazer cursos intensivos de férias, ou seja, imersão total no idioma, facilitando e favorecendo o seu aprendizado.

Essas viagens eram sempre acompanhadas por alguém do BAC-ICBEU: José Neto, Valeska, Helen ou um monitor, que auxiliava na condução dos integrantes do grupo. No entanto, a continuidade delas foi interrompida devido aos impactos provocados, no Brasil, pela crise na Rússia em 1999. A principal atividade de Patrocínio, a cultura do café, foi muito afetada, reduzindo, assim, a demanda para essa atividade, mas, em todo o tempo, o ideal de enriquecimento cultural foi mantido, pois a lembrança das primeiras viagens tornou-se marca registrada do BAC-ICBEU.

Além das viagens, o BAC-ICBEU oferecia outras atividades, na própria escola, nas quais os alunos envolviam também convidados, amigos e familiares. Entre elas, destacam-se os jogos de beisebol. Desse tempo, ficaram boas lembranças, inclusive, a construção da quadra de areia na escola, para a prática do esporte.

Também eram realizadas festas e jantares de confraternização, com comidas típicas dos países de língua inglesa, espanhola e francesa, nas quais os alunos podiam exercitar a sua criatividade e também praticar o idioma estudado.

A Escola também formou, com a participação de seus alunos, um coral que, em eventos da cidade, apresentava-se, com canções inglesas, no programa musical. Embora o número de integrantes variasse bastante, o coral se manteve, aproximadamente, com quinze estudantes da escola e uma professora de música.

Tudo isso era feito de maneira muito informal. Aos poucos, a escola abria suas portas a seus alunos e convidados para que participassem de atividades comemorativas do Brasil e dos Estados Unidos, além de outros países de língua inglesa, dentre os quais, Inglaterra e Austrália. Comemoravam-se as datas nacionais ou festas típicas de cada país, como forma de enriquecer a cultura dos alunos. “*Nós não brigávamos por preço, brigávamos por cultura*”, diz José Neto referindo-se ao posicionamento da empresa no mercado.

Por meio dessas ações pedagógicas, mantendo o objetivo para o qual a empresa fora criada, retornavam benefícios à comunidade, proporcionando uma educação de alto nível.

“Vamos nos mudar”^(*)

Em 1997, a escola transferiu-se do centro, onde estivera localizada desde a sua criação, para a Rua Joaquim Carlos dos Santos, no bairro Nossa Senhora de Fátima, ampliando, assim, os horizontes físicos da empresa.

Feita a análise do local, foi plenamente aprovado. Era maior que o imóvel onde funcionava o BAC-ICBEU até então e ficava defronte de uma escola particular. Isso oferecia a possibilidade de aumentar o número de alunos, o que, de fato, ocorreu. A escola chegou a ter setecentos alunos. As outras se mantinham com números menores, em torno de cento e vinte alunos cada uma e pesquisas apontavam que a escola detinha mais de 60% do mercado de ensino de idiomas da cidade.

Após a mudança, além de todas as atividades culturais, os alunos ganharam uma biblioteca e uma sala de projeção de cinema. Também ganharam um laboratório de informática e acesso à Internet, como forma de aprimorar e desenvolver o aprendizado, principalmente do inglês. No entanto, um problema se apresentava. A escola ficava próxima a um prédio abandonado e, como o bairro era novo, havia muitos terrenos baldios que preocupavam os pais em relação à segurança de seus filhos. Já existiam linhas de ônibus regulares, mas os alunos do BAC-ICBEU não tinham o hábito de utilizar esse serviço.

A mudança já fora feita e só restava uma saída. Como diferencial competitivo, José Neto criou uma empresa de transportes urbanos que, de segunda a quinta-feira, transportava os alunos para a escola e, nos finais de semana, fazia transportes interurbanos especiais, não hesitando em oferecer segurança aos seus clientes, através dessa opção de transporte privativo, a um custo adicional simbólico. Essa empresa paralela durou dois anos, tempo suficiente para que o bairro fosse definitivamente povoado e a segurança estabelecida.

Em 1998, o BAC-ICBEU decidiu participar do Programa de Qualidade Total do SEBRAE Minas. Era a oportunidade de se abrirem novos horizontes, agregando algumas melhorias de processo à empresa. No entanto, Valeska Virgínia demonstrou alguma resistência. Nas palavras de José Neto, *“Valeska, que é acadêmica e tem o dom de ensinar, achava um desperdício tantas reuniões, tantas*

horas perdidas.” O consultor José Barreto foi paciente e determinado a ponto de mostrar a ela o quanto o programa ainda seria útil para a empresa.

Segundo Barreto Júnior, *“o que acontecia, na verdade, é que a empresa já possuía alguns controles implantados e tinha um bom nível de organização. Não que a Valeska fosse resistente às mudanças, mas ela achava desnecessária a implantação do Programa de Qualidade.”*

Com dois a três meses de implantação, no entanto, ela se convenceu da utilidade do Programa de Qualidade Total para a empresa e aderiu plenamente ao programa, tornando-se sua defensora e promotora, considerando-o fundamental para o sucesso da escola.

Em razão da implantação do Programa, o BAC-ICBEU passou a aplicar pesquisas duas vezes ao ano, junto aos clientes (pais dos alunos), para mensurar e avaliar a satisfação com a escola. Criou um manual de procedimentos da empresa, sendo que, parte dele, levou ao conhecimento dos clientes, por meio da agenda anual, que é distribuída aos alunos. Ficou bem definida sua missão:

“Proporcionar ao nosso cliente conhecimento e condições para a comunicação com o mundo através de cursos de idiomas. Inovar com métodos e técnicas, participando e contribuindo no processo de globalização cultural, social, mercado e lazer, buscando a excelência.”

Também se estabeleceu um plano de carreira para os professores, os quais têm participado, sempre, de cursos que possibilitaram *“abrir-lhes horizontes e impactar na qualidade de nossos serviços”*, relata José Neto. Os professores passaram por cursos de aperfeiçoamento, que garantiram um ensino de melhor qualidade, ou seja, a qualidade vem através das pessoas e não apenas dos processos.

“Os sonhos viviam dentro de mim”(*)

Em 1999, depois da participação de Valeska em um congresso internacional em Nova Iorque, Estados Unidos, e outro em Vancouver, no Canadá, a empresa tomou conhecimento dos Centros Binacionais, escolas que tinham o reconhecimento do governo americano, através da sua embaixada no Brasil, como Centro de Excelência no ensino da língua inglesa. Estrategicamente, os sócios passaram a perseguir esse reconhecimento, pois estaria aí um diferencial competitivo sem paralelo.

Depois de uma visita a Belo Horizonte, ao ICBEU local, por intermédio de seu diretor, o Sr. José Luiz de Andrade, foi constituído o “grupo mineiro” dos centros binacionais que, trabalhando em conjunto, desenvolveram várias campanhas e atividades culturais visando oferecer melhores serviços. Posteriormente, integraram a Coligação das Entidades de Educação e Cultura Brasil/Estados Unidos, com sede em Brasília. Essa associação e seus membros têm o reconhecimento da Embaixada Americana.

Por ocasião desta associação, a empresa optou por fazer a transição da marca BAC acrescentando-lhe ICBEU, nome utilizado pela maioria dos centros binacionais e, no início de 1999, a empresa passou a se chamar BAC-ICBEU.

Nesse período, outras atividades também foram desenvolvidas como forma de aprimorar a cultura de seus alunos. Através de parceria firmada com a Rádio Difusora de Patrocínio, o BAC-ICBEU teve um programa de rádio veiculado na FM local, no qual os participantes falavam em inglês e interagem com os ouvintes. Esse programa *Cool Chat* disseminava a cultura musical. Está nos planos da empresa reativá-lo num futuro próximo.

O BAC-ICBEU organizou o 1º Festival de Bandas de Patrocínio, com o objetivo de divulgar e valorizar os músicos locais, mas também atender à comunidade carente. A entrada era a doação de 1kg de alimentos não perecíveis distribuídos às creches da cidade. Esse evento contou, na primeira edição, com apenas 12 bandas da cidade; hoje, continua a ser realizado com grande sucesso e com a participação de mais de 30 bandas locais e da região.

“Ensinar é um ato de amor”(*)

Foi devido à participação no Programa de Qualidade Total que um desejo de ambos os sócios, desde o início da empresa, foi finalmente posto em prática, com a criação do Projeto *English For All*.

Criado o projeto, a partir da prática do estudo de sua viabilidade, foi elaborado o plano de ação: 3Q e 1 POC (quem, quando, quanto e por que, onde e como), para mobilizar as pessoas, pois, por maior que fosse a vontade, era impossível trabalhar individualmente. A virtude do projeto era a coletividade, o associativismo.

Não foi difícil conquistar a simpatia e boa vontade de muita gente. No início, eram vinte voluntários, todos professores que, espontaneamente, compareceram, marcando sua presença nesse momento. *“Além disso, havia uma propaganda intensa incentivando ações de voluntariado, o que contribuiu para que houvesse a adesão imediata de pessoas interessadas em participar do projeto”*, diz José Neto, falando das primeiras ações do Projeto English For All.

O envolvimento dos colaboradores se deu principalmente no campo das idéias: *“queriam ensinar um novo idioma, mas também ensinar outras coisas, para o usufruto da cidadania”*, relata José Neto. Por isso, o projeto não ficou restrito exclusivamente ao ensino do inglês.

Segundo José Neto, *“ensinar às crianças propicia uma série de vantagens, dentre elas a oportunidade de ter contato com algo totalmente novo para elas, abrangendo desde o estímulo lingüístico em crianças de cinco e seis anos para sua melhoria sócio-cultural, possibilitando conhecer aspectos culturais de outros países, seguindo as novas práticas pedagógicas do BAC-ICBEU, pois sua dimensão é o humano.”*

Mais que isso, o English For All, através de sua metodologia, propicia à criança desenvolver a facilidade de aprendizagem não só do inglês, mas de qualquer outra área do conhecimento, uma vez que a criança se torna muito mais receptiva, desinibida e sociável.

Assim, tendo em vista um objetivo tão amplo, os sócios procuraram a Prefeitura e foi grande a surpresa ao ouvirem do Prefeito: *“é muito raro alguém nos procurar para oferecer algo, normalmente só procuram para pedir.”*

Em 1999, finalmente, em parceria com a União das Creches de Patrocínio, que é uma associação que rege todas as creches da cidade e está ligada à Secretaria de Ação Social do Município, com o Lar da Criança, que atendia meninos, com a Casa da Menina, e com a Prefeitura Municipal de Patrocínio, os voluntários do BAC-ICBEU começaram a ensinar inglês às crianças carentes.

“Na verdade, não houve uma pessoa que idealizasse o projeto; ele partiu da sinergia de ambos (minha e da Valeska), mas se se pode creditar a autoria a alguém, é à Valeska, pois ensinar é dela. A minha contribuição foi logística e com a criação do nome: English For All”, diz José Neto.

No início, foram atendidas duzentas crianças; em 2000, eram quatrocentas as crianças beneficiadas pelo Projeto *English For All*.

O projeto foi divulgado entre outras empresas da comunidade, como forma de estimular iniciativas semelhantes. O trabalho do BAC-ICBEU tornou-se forte diante da comunidade e passou a ser por ela reconhecido.

“Os atos que devem ser feitos, devem ser feitos agora”⁽¹⁾

No ano 2000, o Projeto *English For All* estava no auge. Os vinte voluntários já somavam quarenta e dedicavam apenas uma hora por semana, para ensinar as crianças das creches de Patrocínio, na faixa de quatro a seis anos, a falarem inglês. O retorno efetivo veio através da manifestação da comunidade que, numa ação conjunta com a Faculdade de Letras e do BAC-ICBEU, fez com que o projeto fosse estendido às quatorze creches da cidade, sendo mantida à sua frente Valeska Virgínia, Coordenadora Pedagógica do BAC-ICBEU e do apoio da Prefeitura, que oferecia transporte aos voluntários até o local das aulas.

Para Dona Teresinha, da Casa da Menina, *“esse projeto foi um presente do céu, pois significou o resgate da cidadania, o desenvolvimento cultural e social das meninas que nós atendemos”*. Seu depoimento demonstra todo o amor e interesse com que os voluntários desenvolviam o projeto *English For All*. Dona Teresinha conta ainda que, *“as meninas gostam de receber as visitas cumprimentando-as em inglês e fazendo apresentações musicais. Elas ficam felizes por se sentirem valorizadas.”*

O conteúdo didático adotado era o mesmo que a escola utilizava, porém, com uma preparação especial, era adaptado às creches e o material utilizado era reproduzido pela Prefeitura. A metodologia de ensino empregava jogos, musicalização, danças e outras atividades lúdicas, que facilitavam o aprendizado e o desenvolvimento sociocultural da criança.

Por esse motivo, a empresa se inscreveu no Prêmio Excelência Empresarial SEBRAE Minas/GERDAU, e recebeu, com alegria, a notícia de sua indicação como uma das empresas finalistas. No dia 26 de maio de 2000, veio a consagração pelo esforço e dedicação a um projeto que estava no coração da empresa, desde sua criação. Pelos critérios de avaliação do SEBRAE Minas (Avaliação da Atuação Social da Empresa, quantitativa e qualitativa), foi concedido à BAC-ICBEU o Prêmio Excelência Empresarial Destaque Empresa Cidadã.

Receber esse prêmio significou muito para a empresa e também para a cidade. O Prefeito Municipal, Sr. Roberto Queiroz do Nascimento, esteve presente na cerimônia, em Belo Horizonte, com uma comitiva de quarenta pessoas, entre professores, alunos e voluntários. De volta a Patrocínio, realizou uma solenidade para reviver a entrega do Prêmio Excelência Empresarial, momento em que as pessoas que não puderam estar presentes à entrega oficial do Prêmio Excelência tiveram oportunidade de participar da cerimônia e celebrar a conquista para a cidade.

Nesse evento, foi entregue ao Sr. José Batista de Souza Neto e à Valeska Virgínia Soares de Souza uma menção honrosa da Câmara de Vereadores, em reconhecimento pelo trabalho desenvolvido junto à comunidade. Esses foram os primeiros prêmios que deram ao BAC-ICBEU o reconhecimento pelo trabalho prestado voluntariamente à comunidade. Vieram outros depois, todos devidamente colocados em lugar de honra na escola.

Conclusão

“(...) consegui, finalmente, plantar o meu jardim”⁽¹⁾

Depois da entrega do Prêmio Excelência Empresarial ao BAC-ICBEU, Patrocínio passou por várias transformações econômicas, uma das quais relacionadas às escolas de idiomas. Das sete escolas existentes, quatro encerraram suas atividades.

Para a BAC-ICBEU, no entanto, foi diferente. Suas transformações também foram significativas, algumas de ordem gerencial, outras de ordem financeira, alguns colaboradores deixaram a escola, a empresa expandiu-se para outras cidades e retraiu-se, fechando ou vendendo outras unidades. Hoje, além de Patrocínio, a empresa tem mais duas unidades da escola funcionando em outras cidades: uma em Monte Carmelo e a outra em Ibiá, onde passou a atender mercados inexplorados, sempre seguindo a filosofia e a missão da empresa.

Uma coisa é certa: o Projeto *English For All* não sofreu com as transformações nem foi ameaçado. Ao contrário, fortaleceu-se, pois o prêmio deu-lhe maior visibilidade e credibilidade perante a comunidade e encorajou os diretores da BAC-ICBEU a avançarem sempre. Para isso, teve que se preparar com mais voluntários; atualmente, conta com 50 pessoas.

A comunidade continua a ver o *English For All* com bons olhos. Em visita a uma das beneficiadas pelo projeto, ouvimos os depoimentos da diretora e das professoras de algumas crianças atendidas e pudemos constatar, in loco, o seu sucesso.

Para a diretora Sr^a Maria Célia e também para as professoras Gisela Maria e Tatiane Silva, *“o projeto favorece a socialização da criança, amplia seus conhecimentos, a aceitação de outras professoras e as motiva a irem à escola. Talvez esse seja o seu único contato com outro idioma, mas, se não for, será um bom começo para o futuro.”*

Os planos de José Neto e Valeska não param por aí. Recentemente, receberam o reconhecimento da ABRINQ como “Empresa Amiga da Criança” e, para dar maior visibilidade ao *English For All*, eles têm muitos planos que já estão colocando em ação, mas, como nos disse Neto: *“isto será outra história, para depois que ganharmos o Prêmio Excelência pela segunda vez!”*

Pontos para discussão

1. Este pode ser considerado um projeto de inclusão social? Argumente com dados que justifiquem a resposta.
2. Que tipo de ações podem ser implementadas para a continuidade do projeto?
3. Como disseminar e multiplicar essa iniciativa em outras comunidades?
4. Qual foi a importância da rede de parceiros para a empresa, quando foi feita a implantação do projeto? Que papéis desempenharam?
5. O que pode ser feito para a continuidade do projeto, sem depender do poder público?
6. Qual é a importância de se estudar este caso?